



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO SUL E SUDESTE DO PARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**JOCILENE CARNEIRO MOTA**

**BULLYING – UM PROBLEMA CRESCENTE NO ENSINO  
FUNDAMENTAL E MÉDIO.**

**Marabá – PA**

**2013**

**JOCILENE CARNEIRO MOTA**

**BULLYING – UM PROBLEMA CRESCENTE NO ENSINO  
FUNDAMENTAL E MÉDIO.**

Monografia apresentada à Faculdade  
de Educação como requisito para  
obtenção do Grau de Licenciatura  
Plena em Pedagogia.

Orientadora: *Msc. Cleide Pereira  
dos Anjos*

**Marabá – PA  
2013**

**“Eu chamo de bravo aquele que ultrapassou seus desejos, e não aquele que venceu seus inimigos; pois a mais dura das vitórias é a vitória sobre si mesmo”.**

***Aristóteles.***

## **DEDICATÓRIA**

Dedico essa vitória primeiramente a Deus, segundo a minha família e em especial a minha mãe, sempre me ajudando a não desanimar e nem desistir; ao meu pai, que apesar de não estar mais entre nós, e diante de todos os obstáculos, sua lembrança me deu forças para cumprir minha promessa de conseguir concluir o curso de Pedagogia.

## **AGRADECIMENTOS**

A minha irmã Jucicleide, sem sua generosa contribuição, e determinação em não me deixar desanimar, não teria finalizado.

A minha orientadora, que gentilmente se prontificou a me ajudar, me orientando nesse trabalho.

As minhas amigas de curso, Jacinta, Janeide e Rosemary, que sempre que possível me davam forças e me estimulavam.

## Sumário

### RESUMO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1 – HISTÓRICO SOBRE O BULLYING.....</b>	<b>11</b>
1.1 - ORIGEM.....	11
1.2 – PRIMEIRAS PESQUISAS .....	13
1.3 – CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS DO BULLYING.....	16
1.4 – SUJEITOS DO BULLYING .....	21
1.4.1 – Os Agressores .....	21
1.4.2 – Os Alvos dos Agressores (Vítimas).....	22
1.4.3 – Os Espectadores .....	24
<b>2 – BULLYING: PRODUTO DE UMA VIOLÊNCIA SOCIAL QUE TRANSCORRE PELA SOCIEDADE, FAMÍLIA, MÍDIA E INSTITUIÇÃO ESCOLAR.....</b>	<b>26</b>
2.1 – A FAMÍLIA.....	29
2.2 – A SOCIEDADE.....	31
2.3 – A MÍDIA (TELEVISÃO, INTERNET, JORNAL, RÁDIO).....	32
2.4 – A INSTITUIÇÃO ESCOLAR .....	33
<b>3 – BULLYING NA ESCOLA.....</b>	<b>35</b>
3.1 – PROGRAMAS DE PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO .....	38
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>45</b>

## RESUMO

A finalidade deste trabalho é mostrar o bullying como um problema generalizado, crescente principalmente nas instituições de ensino. A pesquisa pretende levantar a problemática do bullying, traçando seu processo histórico, conceitos e definições, para se ter uma dimensão do problema, procurando, observar, analisar e refletir sobre como a prática do bullying se desenvolve na sociedade e chega às escolas. Procura também apresentar a problemática na escola, referindo quem são os protagonistas, as vítimas e os espectadores dessa prática agressiva, que traz consequências ao indivíduo, tanto físicas como psicológicas, prejudicando, muitas vezes, até o seu processo de formação. O objetivo geral é compreender a prática do bullying e as relações deste com a violência social, contribuindo para o esclarecimento de suas causas e consequências e buscando formas de prevenir e dirimir esses comportamentos agressivos na escola. Para isso, utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica, de cunho explicativo, desenvolvida a partir de materiais já publicados, constituídos de livros, artigos e leituras complementares. Como resultado da pesquisa, pode-se dizer que o bullying é um comportamento agressivo que advém da nova construção social que reordenou a vida em sociedade, gerando insegurança, intolerância, medo e angústias, resultando em conflitos e violência que estão se manifestando nas escolas. Um problema preocupante, por se fazer cada vez mais presente nas escolas. Estas, por sua vez, precisam implementar estratégias de prevenção e combate ao bullying, utilizando-se do diálogo no âmbito escolar e engajando-se com setores da sociedade para criar uma cultura de não violência.

Palavras-chave: Bullying. Violência. Escola. Família.

## **Abstract**

The purpose of this work is to address bullying as a social problem and universal, increasing in educational institutions. The research aims to clarify the issue of bullying, tracing its historical process, concepts and definitions, to have a dimension of the problem, looking, observing, analyzing and reflecting on how bullying develops in society and comes to schools. Search also present problems in school, stating who the protagonists, victims and onlookers this aggressive practice, which has consequences for the individual, both physical and psychological harm, often until their training process. The overall goal is to understand bullying and its relations with social violence, contributing to the clarification of its causes and consequences and seeking ways to prevent and resolve these aggressive behaviors at school. For this, we used as methodology literature, imprint explanatory developed from already published materials consisting of books, articles and further reading. As a result of the research, it can be said that bullying is aggressive behavior that comes from new construction reordered social life in society, generating insecurity, intolerance, fear and anxiety, resulting in conflicts and violence that are manifesting in schools. Another problem by doing more and more present in schools. These, in turn, need to implement strategies to prevent and combat bullying, using dialogue in schools and engaging with sectors of society to create a culture of nonviolence.

Keywords: Bullying. Violence. School. Family.

## INTRODUÇÃO

Grandes transformações estão marcando a sociedade contemporânea. A ciência, a tecnologia e o modelo capitalista de produção reestruturaram a vida em sociedade e principalmente as relações sociais. Atualmente, os sujeitos se apresentam com valores como a individualidade, o consumismo, a competitividade. Diante dos novos desafios, a vida se torna atribulada e cada vez mais concorrencial. Este novo contexto social está produzindo uma sociedade extremamente conflituosa e violenta, onde o outro é visto como inimigo.

Esta nova geração de crianças e adolescentes, se insere neste mundo, instigada a competição ao invés de compartilhar. Esta nova perspectiva gera cada vez mais violência, que se expõe de diversas formas e adentra em todas as instituições sociais, inclusive a escola. A violência entre crianças e adolescentes, que envolve agressões físicas e psicológicas, praticadas de forma perversa e cruel, é denominada por especialistas de bullying. Este trabalho aborda o bullying como um problema social e universal, crescente nos estabelecimentos de ensino.

Com esta pesquisa pretendo esclarecer a problemática deste fenômeno, traçando seu processo histórico, conceitos e definições. O objetivo geral é, por tanto, analisar e refletir sobre como a prática do bullying se desenvolve na escola/sociedade. Procurando compreender a relação existente entre o bullying e a violência social, contribuindo para o esclarecimento de suas causas e consequências para se ter uma dimensão do problema.

A violência entre estudantes não é uma prática exclusiva da atualidade, porém, anteriormente, era considerada brincadeira de criança, sem importância. No entanto, hoje, percebe-se que o grau de perversidade utilizado para ferir e intimidar as vítimas causa traumas e transtornos psíquicos profundos, atingindo crianças com idade cada vez menores, e com alta incidência. Produzindo danos profundos ao seu desenvolvimento e nas relações futuras.

Se partirmos do princípio de que o bullying é considerado uma prática violenta e antissocial, e que está sendo reproduzida no cotidiano das escolas,

e, sendo a Sociologia a ciência que estuda os fenômenos e as relações sociais, torna-se importante o entendimento desta prática para a compreensão da realidade social e dos problemas que a cerca.

Socialmente, o problema do bullying sinaliza para o declínio dos valores sociais, como respeito, solidariedade, ética, amizade, coleguismo etc. Assim, é de suma importância compreender e enfrentar este problema para buscar alternativas para combatê-lo. Com essa pretensão, foi elaborado o presente trabalho, que está estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta algumas considerações sobre o bullying: origem, conceitos e seus personagens. O segundo discute o bullying como um produto da violência gerada na sociedade, família ou escola e pela própria mídia. O terceiro trata especificamente do bullying nas escolas e de alternativas possíveis para combater esse tipo de comportamento.

A metodologia aplicada neste trabalho é a pesquisa bibliográfica, de caráter explicativo, desenvolvida a partir de materiais já publicados, constituídos de livros, artigos, sites de internet e leituras complementares. Apesar desta temática ser de extrema importância social, as publicações que trabalham este tema como objeto de investigação, são repetitivas e mais explanativas do que científicas.

Para a fundamentação teórico-metodológica deste estudo, recorre-se, principalmente, a sites da internet e às publicações da educadora e pesquisadora brasileira Cleodilice Aparecida Zonato Fante, que teoriza com muita propriedade sobre o fenômeno bullying.

Deseja-se que esse trabalho possa colaborar para a elucidação das causas e consequências da conduta de violência nas escolas, servindo de estímulo para a formação de uma cultura de não violência.

## 1. HISTÓRICO SOBRE O BULLYING.

### 1.1 Origem

Falar sobre o bullying hoje, é debater a respeito de um tema extenso e complexo, que envolve a sociedade, os indivíduos, e a instituição escolar. O termo, segundo Fante (2011), origina-se da palavra inglesa bully, que significa: valentão, tirano. Como verbo, significa brutalizar, tiranizar, amedrontar.

Conforme Lopes Neto, Monteiro Filho e Saavedra (2012, p. 7),

[...] vários estudos foram realizados com a finalidade de verificar o fenômeno sob diversos aspectos. Hoje é reconhecido que o BULLYING, como fenômeno social, pode surgir em diversos contextos, como parte de problemas de relações pessoais entre adultos, jovens e crianças em diferentes locais, como: trabalho (workplace bullying), prisões, asilos de idosos, ambiente familiar, clubes e playgrounds, entre outros.

Segundo Lopes Neto, Monteiro Filho e Saavedra (2012) esse termo surge a partir de estudos sobre as relações sociais conflituosas, analisada em todas as esferas sociais, hoje, no entanto, muitos pesquisadores e teóricos utilizam este termo ao se referir à prática de violência específica no âmbito escolar, ao abordar situações onde os “valentões” usam de perversidade para tiranizar e amedrontar alguém sem motivo aparente, apenas pelo gozo do ato e pela sensação de poder.

Na definição de Fante (2011, p. 27),

Bullying: palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e antissociais, utilizados pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar.

Existe certa dificuldade em definir ou delimitar a problemática do Bullying, isto se deve ao fato de que o tema envolve todas as estruturas sociais, não se restringe a uma categoria ou uma parcela da população, ele se desenvolve em escolas públicas e privadas, nas grandes e pequenas cidades. A disseminação desta prática é envolta de uma conduta globalizada de comportamentos antiéticos, de intimidação e perversidade contra outra pessoa,

apresenta de forma muitas vezes simbólica e oculta e que por não ser combatida acaba sendo repetida pelos sujeitos dentro das escolas desencadeando outras situações de violência.

Segundo Silva (2010, p. 13), as brincadeiras entre estudantes é algo natural e ocorre de forma espontânea. Porém, as “brincadeiras” que são realizadas com “segundas intenções”, usando de perversidade, se tornam verdadeiros atos de violência. A autora salienta que é importante entender que brincadeiras normais e sadias são aquelas em que todos os participantes se divertem e não quando alguns se divertem às custas de outros. Portanto, não há brincadeira quando alguém está sofrendo. Permitir tais condutas é aceitar uma tendência conflituosa entre os indivíduos na sociedade, o que pode provocar, em determinado momento, uma violência mais brutal com desfechos cruéis.

## 1.2 PRIMEIRAS PESQUISAS

Segundo Fante (2011), as primeiras pesquisas científicas sobre o bullying foram desenvolvidas na Suécia, na década de 70, e mais profundamente pelo professor da Universidade de Bergen – Noruega, Dan Olweus, entre o ano de 1978 a 1993. Consta que no início dos anos 70, Olweus iniciou sua pesquisa em escolas, investigando casos de agressões, mesmo sem que as autoridades educacionais se comprometessem de forma oficial a investigar o assunto. A perspectiva mudou quando, em 1982, noticiava-se que três jovens, entre 10 e 14 anos, cometeram suicídio, e as causas prováveis do ato seriam motivadas por incidência grave de Bullying, fato que despertou a atenção da mídia, da população e das instituições responsáveis para esta problemática.

Para a autora, os primeiros critérios para detectar esta problemática de forma específica foram definidos e aplicados por Olweus, a partir do desenvolvimento de uma pesquisa por ele elaborada, envolvendo cerca de 84.000 estudantes, além de 300 a 400 professores e cerca de 1.000 pais, entre os vários períodos de ensino. Como método, utilizou um questionário, contendo 25 questões com respostas de múltiplas escolhas. As respostas permitiam analisar os tipos de agressões, os locais de maior risco, a frequência com que ocorriam (FANTE, 2011).

Com isso, ele conseguiu levantar dados para verificar as características e extensão do bullying na região pesquisada, produzindo dados para avaliar a situação e as medidas socioeducativas que poderiam ser adotadas ou que já vinham sendo aplicadas nas escolas e na comunidade. Esta pesquisa, conforme refere Fante (2011), transformou-se em um importante documento apresentando sob o ponto de vista dos envolvidos, principalmente das crianças. Olweus apresentou os resultados da sua pesquisa, que indicavam índices alarmantes, onde um a cada sete estudantes já tinham se envolvido em casos de bullying.

Como resultado desta pesquisa, Olweus publicou, em 1993, o livro “BULLYING at School”, que fazia uma reflexão sobre o problema,

apresentando, inclusive, um programa de intervenção que ajudava a identificar prováveis vítimas e agressores. O programa de intervenção proposto por Olweus, conforme Fante (2011) tinha como características principais desenvolver regras claras contra o bullying nas escolas, alcançar um envolvimento ativo por parte de professores e pais, aumentar a conscientização do problema, avançando no sentido de eliminar alguns mitos sobre o bullying, e prover apoio e proteção às vítimas.

Este estudo teve tamanha repercussão social, que deu origem a uma Campanha Nacional Anti-bullying nas escolas Norueguesas, apoiada pelos órgãos do governo, na prevenção e aniquilação das práticas de bullying nas escolas. Serviu também de base e incentivo para que outros países desenvolvessem medidas contra o mesmo problema. Reino Unido, Canadá e Portugal foram alguns dos países que aderiram ao projeto de Olweus (FANTE, 2011).

No Brasil, as primeiras pesquisas sobre o bullying foram realizadas pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA), coordenada pelo médico Aramis Lopes Neto, intitulada “Diga não ao Bullying: Programa de redução do comportamento Agressivo entre Estudantes”. A pesquisa ocorreu no ano de 2002, envolvendo 5.785 alunos de 5ª a 8ª série, de onze escolas da cidade do Rio de Janeiro. O resultado da pesquisa revelou que 40,5% dos alunos admitiram ter se envolvido em atos de bullying. Destes, 16,9% declararam-se vítimas; 10,9% vítimas e autores e 12,7% autores de práticas de bullying (LOPES NETO; MONTEIRO FILHO; SAAVEDRA, 2012).

As pesquisas no Brasil são mais recentes, mas também demonstram dados preocupantes. O descaso com várias problemáticas sociais, e, principalmente, com o ensino reflete na educação e na formação de indivíduos conflituosos e despreparados para a vida social. Isso evidencia a necessidade urgente das instituições responsáveis adotarem medidas socioeducativas no combate ao bullying, pois uma criança ou adolescente que sofre constantes agressões, físicas e/ou psicológicas, adquire comportamentos e atitudes que podem levá-lo a cometer ato violento contra si e contra os outros, pois os casos

com fins trágicos ocorridos na Noruega não são isolados, ocorrendo em várias partes do mundo, e cada vez mais frequente nas instituições escolares do Brasil.

A partir dessas considerações, percebe-se que o bullying pode comprometer o processo de formação psicológica, física e social dos indivíduos. Nesse sentido, torna-se importante compreender o que é o bullying, como se desenvolve para, a partir deste entendimento, buscar medidas que possam evitar esse tipo de comportamento antissocial.

### 1.3 CONCEITO E CARACTERÍSTICAS DO BULLYING.

Segundo Fante (2011, p.168),

O comportamento agressivo ou violento nas escolas é hoje o fenômeno social mais complexo e difícil de compreender, por afetar a sociedade como um todo, atingindo diretamente as crianças de todas as idades, em todas as escolas do país e do mundo. Sabemos ser o fenômeno resultante de inúmeros fatores, tanto externos como internos à escola, caracterizados pelos tipos de interações sociais, familiares, sócios educacionais e pelas expressões comportamentais agressivas manifestadas nas relações interpessoais.

De acordo com as palavras da autora, o bullying é um comportamento antissocial, que resulta das relações conflituosas de convivência entre os indivíduos. Considerando que estes comportamentos estão se manifestando de forma violenta e cruel, pode-se intuir o declínio dos valores sociais, morais, éticos que se estabelecem entre as pessoas, na atual sociedade, em que a desigualdade promove uma disputa diária de “poder”, “poder ter”, “poder ser” mais do que o outro, reportando entre os sujeitos como uma questão de sobrevivência.

Segundo Fante (2011), o bullying é caracterizado como sendo um subconjunto de atos agressivos, repetitivos, nos quais evidencia um desequilíbrio de poder, incapacidade de defesa da vítima. Dessa forma,

Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento bullying (FANTE, 2011, p. 29).

Lopes Neto, Monteiro Filho e Saavedra (2012, p. 28) são mais sucintos na caracterização do bullying, ao dizer que os atos repetitivos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as principais características do bullying, e que “por definição universal, bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento”.

Para Fante (2011), o bullying não se refere a pequenas brincadeiras próprias da infância, mas ha casos de violência, praticadas por agressores contra vítimas. Elas podem ocorrer dentro de salas de aulas, corredores, pátios de escolas ou até nos arredores. São, na maioria das vezes, realizadas de forma repetitiva e com desequilíbrio de poder. Essas agressões, morais, ou até físicas, podem causar danos psicológicos para a criança que se encontram em pleno desenvolvimento social.

É comum entre os alunos de uma classe a existência de diversos tipos de conflitos e tensões. Há ainda inúmeras outras interações agressivas, às vezes como diversão ou como forma de autoafirmação, e para se comprovarem as relações de força que os alunos estabelecem entre si. Caso exista na classe um agressor em potencial ou vários deles, seu comportamento agressivo influenciará nas atividades dos alunos, promovendo interações ásperas, veementes e violentas. Devido ao temperamento irritadiço do agressor e à sua acentuada necessidade de ameaçar, dominar e subjugar os outros, de forma impositiva pelo uso de força, as adversidades e as frustrações menores que surgem acabam por provocar reações intensas. Às vezes, essas reações assumem caráter agressivo em razão da tendência do agressor a empregar meios violentos nas situações de conflitos. Em virtude de sua força física, seus ataques violentos mostram-se desagradáveis e dolorosos para os demais. Geralmente o agressor prefere atacar os mais frágeis, pois tem certeza de dominá-los, porém não teme em brigar com outros alunos da classe: sente-se forte e confiante (FANTE, 2011, p. 47-48).

Pedra (2012), especialista no fenômeno bullying, e fundador do Centro Multidisciplinar de Estudo do Bullying Escolar, no Distrito de Brasília, refere-se ao bullying como uma epidemia psicossocial que afeta o processo de socialização, ensino e aprendizagem, além do desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, produzindo sequelas para a vida adulta. Ao identificar o problema, Pedra (2012) observou que a carência afetiva, a ausência de limites e os maus tratos por parte dos pais são os principais causadores do problema.

Como psicólogo, Pedra adentra nas questões psicossomáticas e traumáticas que estes comportamentos induzem e/ou produzem na formação psicológica dos indivíduos que praticam ou sofrem de bullying.

O fenômeno bullying estimula a delinquência e induz a outras formas de violência explícita, produzindo, em larga escala, cidadãos estressados, deprimidos, com baixa autoestima, capacidade de autoaceitação e resistência à frustração, reduzida capacidade de autoafirmação e de auto-expressão, além de propiciar o

desenvolvimento de sintomatologias de estresse, de doenças psicossomáticas, de transtornos mentais e de psicopatologias graves. Tem, como agravante, interferência drástica no processo de aprendizagem e de socialização, que estende suas conseqüências para o resto da vida podendo chegar a um desfecho trágico (In: FANTE, 2011, p. 9-10).

Silva (2010, p. 22), médica psiquiatra e também educadora, especialista nos sintomas psicológicos e mentais traumáticos, na mesma perspectiva de Pedra, diz que: “Assim, o termo bullying pode ser adotado para explicar todo tipo de comportamento agressivo, cruel proposital e sistemático inerente às relações interpessoais”. Portanto, “[...] o bullying pode ser considerado o retrato da violência e da covardia estampadas diariamente no templo do conhecimento e do futuro de nossos jovens: a escola”.

A autora descreve as várias formas que o bullying se apresenta, classificando-as em diretas e indiretas. Na sua metodologia, relaciona as agressões utilizadas na violência do bullying, como:

**VERBAL:** insultar, ofender, falar mal, fazer gozações, colocar apelidos pejorativos, fazer piadas ofensivas, “zoar”.

**FÍSICO E MATERIAL:** bater, chutar, espancar, empurrar, ferir, beliscar, roubar, furtar, destruir os pertences da vítima, atirar objetos contra as vítimas.

**PSICOLÓGICAS E MORAL:** Irritar, humilhar, ridicularizar, excluir, isolar, ignorar, desprezar ou fazer pouco caso, discriminar, aterrorizar e ameaçar, chantagear e intimidar, tiranizar, dominar, perseguir, difamar, passar bilhetes e desenhos entre os colegas de caráter ofensivo, fazer intrigas, fofoca ou mexericos (mais comum entre as meninas).

**SEXUAL:** abusar, violentar, assediar, insinuar.

**VIRTUAL:** utilizar dos veículos de comunicação (celular e internet) para difundir agressões caluniosas e maldosas contra outra pessoa (SILVA, 2010).

Como especialista no assunto, Silva (2010) também aponta os transtornos psíquicos e desencadeadores de comportamentos que o bullying

provoca nos jovens e adolescentes que estão em plena formação cognitiva e social. Não se pode esquecer que a adolescência, por si só, é um estágio conflituoso do jovem com ele mesmo, na busca de identidade. A incidência de bullying neste período pode acarretar no desenvolvimento de transtornos e comportamentos antissociais, agressivos ou autodestrutivos, que serão reportados à vida adulta.

De acordo com Silva (2010), os indivíduos que vivenciaram uma vida estudantil traumática podem desenvolver quadros graves de transtornos psíquicos e/ou comportamentais, como: sintomas psicossomáticos; transtorno do pânico; fobia escolar; fobia social; transtorno de ansiedade social; transtorno de ansiedade generalizada; depressão; anorexia e bulimia; transtorno obsessivo-compulsivo; transtorno do estresse pós-traumático; esquizofrenia; suicídio e homicídio.

Associado a maior ocorrência de bullying nas escolas, há também um aumento significativo de crianças que estão desenvolvendo transtornos psíquicos com idade cada vez menor. Os casos de depressão entre os jovens, sentimentos de medo, insegurança, descredibilidade, seja com relação ao futuro, à escola ou à sociedade, estão suprimindo a capacidade de pleno desenvolvimento dos estudantes.

Os setores pedagógicos escolares acolhem um número cada vez maior de alunos com problemas de convivência, motivados por questões sociais e familiares. O mau trato entre os alunos, a falta de acolhimento, de ações de coleguismo e compartilhamento entre os colegas, está gerando crianças com sérios problemas psicológicos, podendo desencadear, conforme já exposto por Silva (2010), doenças orgânicas e psicológicas que anulam boa parte do desenvolvimento da criança.

O bullying, conforme visto, é uma violência que se comete a outra pessoa, com o objetivo de agredi-la, física ou psicologicamente dentro de uma relação desigual de poder, onde o “valentão” ou “fortão” usa de intimidação, prepotência e abuso de poder para agredir, intimidar e amedrontar a vítima, sem motivo aparente, geralmente impossibilitada de se defender, e que, intimidada pelas agressões, acaba se isolando ou sendo excluída das relações

de grupo, a que afeta as atividades cotidianas, tornando a vida mais difícil e menos prazerosa.

## 1.4 SUJEITOS DO BULLYING

É de suma importância identificar os sujeitos que praticam o bullying, estudar suas atitudes e procurar a raiz de tal comportamento. Várias são as figuras que estão envolvidos no bullying, entre os quais:

### 1.4.1 Os agressores

Fante (2011) defende que o bullying é resultado de um processo em que os “valentões” projetam sua agressividade com requinte de perversidade e de forma oculta dentro do contexto escolar.

Ao se referir aos agressores da prática do bullying, a autora refere que: “Ele sente uma necessidade imperiosa de dominar e subjugar os outros, de se impor mediante o poder e a ameaça e de conseguir aquilo que se propõe. Pode vangloriar-se de sua superioridade real ou imaginária sobre outros alunos” (FANTE, 2011, p. 73).

Diante dessas comprovações, pode-se tirar algumas conclusões. Uma seria a tendência ou a necessidade que alguns indivíduos desenvolvem de querer maltratar o outro, ou fazê-lo sofrer, pois, como já dito, não há justificativas claras para tais atitudes, apenas o gozo em machucar o outro e em vê-lo sofrer. Há, nestes agressores, a intenção de atrair a atenção e obter a sensação de poder sobre o outro como forma de realização pessoal.

Esses indivíduos geralmente pertencem a famílias desestruturadas, nas quais há pouco relacionamento afetivo entre seus membros. Seus pais exercem uma supervisão pobre sobre seus filhos, toleram e utilizam o comportamento agressivo para solucionar conflitos, ou seja, servem de mal exemplo.

Silva (2010, p. 43) destaca as seguintes características dos agressores:

[...] podem ser de ambos os sexos. Possuem em sua personalidade traços de desrespeito e maldade, e, na maioria das vezes, essas características estão associadas a um perigoso poder de liderança que, em geral, é obtido ou legitimado através da força física ou de intenso assédio psicológico.

Segundo Silva (2010), uma outra característica que apresentam desde muito cedo, é a aversão às normas, não aceitam serem contrariados, e geralmente estão envolvidos em atos de pequenos delitos, podendo agir sozinhos ou em grupo.

Quanto ao desempenho escolar dos agressores, é regular ou deficitário, mas não por deficiência intelectual ou de aprendizagem.

Importante destacar que o que mais falta a eles é afeto pelos outros. Na concepção de Silva (2010), essa afetividade deficitária pode ter origem em lares desestruturados ou no próprio temperamento do jovem. A forma de manifestar é visível desde cedo nos maus-tratos a irmãos, colegas, animais etc.

Os indivíduos que praticam o bullying têm grande probabilidade de se tornarem adultos com comportamentos antissociais e/ou violentos, podendo vir a adotar, inclusive, atitudes delinquentes ou criminosas.

#### **1.4.2 Os alvos das Agressões - As vítimas**

São indivíduos ou grupos que por se apresentarem indefesos, são “escolhidos” geralmente por algum motivo banal, e sofrem as consequências dos comportamentos agressivos de outros e que não dispõem de recursos, status ou habilidade para reagir ou fazer cessar os atos danosos contra si.

Geralmente, são pouco sociáveis. Possuem um forte sentimento de insegurança que os impede que solicitem ajuda. São pessoas sem esperança quanto às possibilidades de se adequarem ao grupo. A baixa autoestima é agravada por intervenções críticas ou pela indiferença dos adultos sobre seu sofrimento. Alguns creem ser merecedores do que lhes é imposto. Com poucos amigos, são passivos, quietos e não reagem efetivamente aos atos de agressividade sofridos. Muitos passam a ter baixo desempenho escolar, resistem ou recusam-se a ir à escola, chegando a simular doenças. Trocam de colégio com frequência, ou abandonam os estudos.

Silva (2010, p. 38) complementa as afirmações ao dizer que:

São indivíduos que não conseguem reagir aos comportamentos provocadores e agressivos dirigidos contra elas. Normalmente são mais frágeis fisicamente ou apresentam alguma “marca” que as destaca da maioria dos alunos: são gordinhas ou magras demais, altas

ou baixas demais; usam óculos; são “caxias”, deficientes físicos; apresentam sardas ou manchas na pele, orelhas ou nariz um pouco mais destacados; usam roupas fora da moda; são de raça, credo, condição socioeconômica ou orientação sexual diferentes...

Portanto, conforme a autora, qualquer coisa que fuja ao padrão imposto por um determinado grupo pode deflagrar o processo de escolha da vítima do bullying. Os motivos são os mais banais possíveis e os danos psicológicos causados às vítimas são de tal intensidade que inibem o desenvolvimento e o crescimento cognitivo e social das crianças. Nesse sentido, segundo Pedra,

As crianças vitimizadas pelo comportamento bullying sofrem terrivelmente ao longo dos anos, muitas vezes sob a vista de seus professores no ambiente escolar, nas salas de aula. Sofrem silenciosamente, de maneira cruel e velada, maus tratos, humilhação pública, rejeição social, gozações, perseguições, angústias, medos, desrespeito constante e repetitivo, quase sempre por serem diferentes em seu biotipo (In: FANTE, 2011, p. 11).

As vítimas de bullying geralmente são escolhidas por sua diferenciação entre os demais, as características físicas, como cor da pele, estatura, peso, entre outros, acabam por projetar no indivíduo uma maior suscetibilidade a ser agredido. Sendo o biotipo um forte critério adotado como forma de “seleção da vítima”.

Uma pesquisa realizada na Universidade de Michigan, nos EUA, apresentou que as crianças obesas estão 60% mais propensas a sofrerem de bullying e as com sobrepeso 13%. Na mesma pesquisa foi levado em consideração outras condições da criança, como por exemplo, se era rica ou pobre, homem ou mulher, branca ou preta, se morava num bairro com outras crianças obesas ou se possuía boas notas. Observou-se que em nenhum dos casos diminuía a vulnerabilidade ou propensão dos “gordos” de ser vítima de bullying.

Deve-se destacar neste contexto o transtorno psicológico que a vítima do bullying apresenta. Esse comportamento interfere em todo o processo de construção do indivíduo. A raiva reprimida, o medo, a angústia, desencadeia transtornos psíquicos sem precedência.

Pedra estima que, dentre esses transtornos, as vítimas podem desencadear construções inconscientes de pensamentos destrutivos para si mesmos ou para a sociedade. Como exemplo, cita o desejo de matar por

vingança, ou mesmo o suicídio. O trágico, portanto, “é que as vítimas desse fenômeno são feridas na área mais preciosa, íntima e inviolável do ser - a sua alma -” (In: FANTE, 2011, p. 12).

Com base nestas pesquisas, fica claro que não se pode tratar o bullying como uma brincadeira de crianças ou adolescentes, pois não há brincadeira quando alguém está sofrendo. Um simples apelido agressivo pode causar danos irreparáveis a uma pessoa, contribuindo para que tenha complexos na vida adulta, e desencadear transtornos obsessivos na busca de anular o problema. Para uma criança obesa, por exemplo, tornar a magreza uma obsessão a ponto de desencadear uma anorexia. Nesse sentido, segundo Pedra (In: FANTE, 2011), a violência velada “fere a alma”, ou seja, a essência das pessoas, sua estima, e, ao mexer com esses sentimentos, não se sabe o que poderá desencadear.

### **1.4.3 Os espectadores**

Os espectadores do bullying são aqueles que assistem a violência ser praticada, sabem do que está acontecendo, conhece os envolvidos, mas, não se posicionam frente à situação. Segundo Silva (2010), são indivíduos que presenciam as ações dos agressores contra as vítimas, mas não tomam atitudes diante do fato. Não defendem o agredido e não se posicionam a favor dos agressores e nem se unem a eles. Muitos adotam a lei do silêncio por temerem se tornar um alvo, ou por medo de se envolverem num problema que consideram não ser deles. Ou seja, a indiferença frente aos problemas do outro, fator marcante na atual sociedade, contribui fortemente para que não haja uma ação contra este tipo de atitude. Não querem se comprometer, acreditam que o problema é com o outro e ele que resolva.

A atitude de neutralidade dos espectadores contribui para que fatos como esses continuem a acontecer, pois não há uma ação contrária ou repreensiva por parte dos que conhecem o problema, como forma de coibi-los. A não intervenção já é uma forma de permitir que o bullying se propague cada vez mais em todos os espaços que o indivíduo esteja inserido.

Para ajudar a combater o bullying nas escolas, Olweus orienta aos pais e professores ficarem atentos a vários aspectos comportamentais das crianças e dos adolescentes e considere os possíveis papéis que cada um deles pode desempenhar em uma situação de bullying escolar. Também, na visão do pesquisador, é importante identificar as vítimas, os agressores e os espectadores para que as escolas e as famílias desses indivíduos possam pensar estratégias de combate a essa violência (SILVA, 2010).

Esse tipo de violência atinge muitas pessoas, em vários âmbitos sociais, e é produzida pela própria sociedade, pois, numa perspectiva sociológica, o comportamento violento é um comportamento aprendido, e a violência em si decorre da vida em sociedade. Portanto, nessa ótica, a família, a escola, a sociedade e a mídia contribuem para a manifestação desse comportamento.

## **2 - BULLYING: PRODUTO DE UMA VIOLÊNCIA SOCIAL QUE TRANSCORRE PELA SOCIEDADE, FAMÍLIA, MÍDIA E INSTITUIÇÃO ESCOLAR.**

A violência está presente em todos os lugares, seja na família, nos espaços de lazer, na rua, nos centros urbanos, periferias, no trabalho, e também na escola. Lugar este, que deveria ser de formação, de amizades, companheirismo, tornou-se também um espaço de violência.

Ao refletir sobre a problemática do bullying, como uma forma de violência, torna-se necessário o entendimento dos paradigmas que envolvem e fomentam a violência social.

Especialista no assunto, Abramovay (2005) ressalta que o conceito de violência engloba múltiplas dimensões. A primeira seria casos que envolvem danos físicos, que indivíduos podem cometer contra si próprios ou contra os outros. A segunda é o conjunto de restrições, que se dá no plano das instituições e que impede que os indivíduos usufruam plenamente de seus direitos fundamentais, abrangendo, portanto, as modalidades da violência simbólica e institucional. E a terceira dimensão corresponde às incivildades e micro violências, que costumam serem as modalidades de violência mais recorrentes e comuns no cotidiano.

A violência não é um conceito simplificado, analisado por um único foco. Envolve questões da própria concepção do instinto animal de sobrevivência que o homem assume ao tentar se defender quando se sente ameaçado; questões psicológicas do indivíduo, como sendo algo apreendido pelas relações sociais; questão simbólica, na qual o homem, por meio das instituições produzidas pelas relações sociais, usa de subterfúgios para reprimir, dentro de uma relação de poder, o outro indivíduo mais fragilizado e com menos condições de defesa (ABRAMOVAY, 2005).

Para a autora,

A violência, nas suas mais variadas formas, materializa-se essencialmente nas relações interpessoais que se estabelecem na escola, tendo como elementos definidores a coerção – um instrumento utilizado para sedimentar uma interação que se apoia na submissão e

na dominação, cujo foco está em quem detém a posse do poder – e o dano provocado a um indivíduo ou grupo social, seja no que se refere à sua integridade física, ao que lhe pertence, à maneira como o efeito da violência se inscreve no mundo simbólico e cultural, produzindo como efeitos a dor, o medo, a insegurança e o sentimento de impotência. Estes elementos podem ser identificados quando se analisa as relações entre os alunos – cujos atritos ocorrem, basicamente, por causa de hostilidades explícitas e mútuas, inimizades, antipatias e intolerâncias, motivadas pela necessidade de demonstrar força e virilidade, bem como por pertencer a determinado estrato social, o que faz com que as desigualdades sociais sejam um fator a mais de tensão no ambiente escolar (ABRAMOVAY, 2005, p. 7).

Percebe-se, portanto, que violência está interligada há várias concepções dentro do contexto social. Envolvendo vários paradigmas. Manifestando se principalmente nas relações sociais como forma de disputa de poder.

Os atos de violência dentro das instituições escolares são cada vez mais frequentes. Hoje, nas escolas tornou-se comum as atitudes agressivas, a falta de respeito, as discussões e desentendimentos, as brigas, até mesmo roubo, homicídios, tráfico de drogas, entre tantos outros fatos. Mas, infelizmente, os casos somente são conhecidos quando a violência toma grandes proporções, e a mídia sensacionalista aproveita para propagar nos meios de comunicação.

Segundo Fante (2011), quando se fala em violência escolar geralmente se reporta à violência explícita, ou seja, aquela que se identifica de imediato. São situações de desentendimento entre os colegas, brigas, empurrões, pequenas agressões. Em segundo plano, remete-se à situação de violência marginalizada, que envolve drogas, armas, depredação do patrimônio, roubo etc.

Para combater estes casos, segundo Fante (2011), as instituições escolares investem em segurança, colocando grades, muros, câmeras de vídeo, detectores de metais e até vistoriam as mochilas dos alunos, colocando todos sob suspeita.

De acordo com Abramovay e Werthein (2012),

É um equívoco dizer que a resposta é o aumento de câmeras de vigilância, catracas para "expulsar os culpados" ou ampliar a presença das forças de segurança dentro das escolas. Isso é não querer entender o problema em sua real e profunda dimensão. Não é essa a

forma adequada de usar as tecnologias para detecção de problemas. Expulsando os esporádicos responsáveis pela violência, não estaremos expulsando as causas que a originam dentro das escolas. Temos de expulsar as razões que levam às situações constantes de violência para que alunos, professores, diretores e pais voltem a sentir o prazer de estudar, aprender e conviver nesse espaço em que devem se formar os cidadãos de hoje e de amanhã e a escola possa ser, como dizia Paulo Freire, um espaço de felicidade.

A sociedade procura uma resposta imediata para a solução dos problemas da violência, exigindo do estado e das instituições a presença de policiamento, investimento no aparato tecnológico para reprimir os atos violentos, criando uma falsa sensação de segurança, e, ao mesmo tempo, de opressão. Isso gera um sentimento de insegurança e medo no ambiente escolar. Os pais acreditam que o policiamento irá inibir a violência, mas este termo é bem mais complexo e envolve uma série de fatores, não se limitando a este tipo de delinquência, pois a violência implícita é mais perigosa e destrutiva, uma vez que não se percebe quando ocorre e de que forma.

Difícil de ser combatida, a violência implícita, é fonte de maior preocupação entre os educadores, por se apresentar de forma oculta, a partir de comportamentos agressivos diários, desencadeando, muitas vezes, tragédias graves.

A violência implícita ou velada, de acordo com Fante (2011), refere-se às atitudes grosseiras, cruéis, intimidativas, pejorativas a que um indivíduo é exposto. Os danos causados por essas ações implicam em problemas de formação psicológica, social, emocional, na qual o bullying é fomentador.

O grande problema desse tipo de violência é o fato de estar intimamente ligado à conduta social, isto é, ao modo como os indivíduos se relacionam, como eles interagem, como se socializam, ou seja, faz parte do dia-a-dia nas relações com o outro.

A violência escolar não pode ser vista como um produto da escola, mas como um reflexo do que ocorre na sociedade, na sua estrutura e organização social, consequência de aspectos econômicos, sociais, familiares e institucionais. Ou seja, conforme estas esferas se modificam acabam por gerar um processo de adequação, muitas vezes, não amigável. A violência escolar está interligada à conduta dos indivíduos a partir de determinantes que a estruturam, como: família, sociedade, mídia e escola.

## 2.1 Família

Nas últimas décadas, observa-se uma intensa transformação na vida familiar. A estrutura antiga de um casal heterossexual, com filhos, onde o homem é provedor da família, cede espaço à família contemporânea, caracterizada pela entrada da mulher no mercado de trabalho, a novos padrões de hierarquia, onde a mulher, muitas vezes, é a chefe do lar. Este novo modelo familiar reordenou a forma como os pais educam e criam seus filhos.

As mudanças, ainda em transição, produzem conflitos de diferentes formas. O maior número de divórcios, onde o casal precisa dividir a tutela dos filhos, gera, algumas vezes, confronto de domínio sobre a criança. Também quando os pais se unem a outras pessoas, construindo nova família e necessita conviver com a antiga, pelo vínculo que permanece com os filhos.

Em outras situações, os filhos são criados pelos avós, local onde as mães buscam abrigo após a separação. Divididos, os filhos convivem em dois lares com irmãos consanguíneos, este novo modelo familiar acabam afetando a identidade da criança, a noção de disciplina e respeito que ela constrói.

Segundo Fante (2011, p.174)

Sendo a família o modelo primeiro de socialização, ela deveria constituir um modelo positivo para a criança, uma vez que o registro de suas primeiras experiências emocionais surge da relação de afeto com as figuras materna e paterna, formando matrizes psíquicas que determinarão sua visão de mundo e de si mesma.

Aliado a isto, ainda se tem as relações familiares cada vez mais conflitantes, desentendimentos entre marido e mulher, pais e filhos, brigas cada vez mais frequentes, por questões econômicas de gênero ou espaço. “No âmbito familiar a violência manifesta-se por expressões fisionômicas, gestos e postura corporal, tom vocal e diversos tipos de maus-tratos verbais físicos e psicológicos, prejudicando e influenciando negativamente o indivíduo nos seus diversos processos de desenvolvimento.” Fante (2011, p.207)

Envolto a isto, os pais passam cada vez menos tempo com os filhos, envolvidos sempre com outras ocupações. Os filhos ficam cada vez mais cedo e mais tempo sozinhos em casa, ou nas ruas, sujeitos a todo tipo de

influências. A desestruturação familiar, para Fante (2011) é marcada pela ausência dos pais ou pela falta de entendimento afetivo na família.

Todos estes fatores proporcionam um afrouxamento na educação dos filhos, na disciplina. Hoje, os pais buscam reparar suas próprias experiências de um período vivenciado por uma educação rígida de muita submissão. Para não cometer o mesmo ato com os filhos, estabelecem uma relação mais igualitária entre os membros da família, não sendo rígidos em relação ao respeito, disciplina e obediência. Também há descaso com seus filhos em não participar da educação de fato, ir à escola, às reuniões, ser presente e atuante no cotidiano dos filhos.

O mau exemplo, dado pelos pais fomenta na criança comportamentos inadequados. Ao instigar a violência incitando o filho a revidar em qualquer situação com atitudes agressivas. Parece comum ver pais dizerem: “Meu filho não leva desaforo para casa”. Dessa forma, os filhos são cobrados a serem melhor que os outros, serem diferentes e se destacar na escola.

Para Fante (2011) O comportamento agressivo tem origem muitas vezes, no modelo educativo familiar no qual a criança foi criada. E caracteriza-se de acordo com o tipo de estímulo a que a criança foi exposta desde pequena; pela forma de convivência predominante em sua família, pela maneira como foi ensinada.

Na educação dos filhos, a família é responsável por transmitir valores, hábitos, costumes, comportamentos, cultura, religião etc. É no ambiente familiar que a criança aprende respeitar o outro, a relacionar-se socialmente, usando geralmente das mesmas atitudes que ela foi educada.

Nesse contexto, percebe-se que a nova geração encontra-se envolta a um turbilhão de acontecimentos, sujeita a todo tipo de sorte, o que, de alguma forma, acaba afetando a sua personalidade, seu crescimento, e quando este espaço não se apresenta de forma positiva acaba gerando indivíduos agressivos e/ou com transtornos diversos. Reportando para a escola e sociedade todas as suas angústias.

## 2.2 Sociedade

A violência sempre esteve presente na vida em sociedade, exposta nas mais diversas formas, contudo conforme a sociedade se altera ela acaba por estimular novas formas e expressões de violência. Pode-se citar três mudanças brutas na estrutura e organização da sociedade que fomentaram na contemporaneidade a propagação do conflito interpessoal e da violência social.

O primeiro é o modelo capitalista de produção, que fomenta as desigualdades, como forma de manutenção do sistema e restringe o acesso e a condição econômica há poucos. Gera exclusão social, medo, insegurança, competitividade e mantém a sociedade sob intenso conflito.

Fante (2011, p.170).

A exclusão social, principalmente a da infância e da juventude, é uma das causas que fazem com que prolifere a violência, pois, uma vez excluídos do convívio social, os jovens não encontram outra alternativa senão a da violência - uma forma de mostrar que existem e que também fazem parte do contexto social.

O segundo trata-se do surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação, que reconfiguram as relações de trabalho, do consumo e a convivência. A tecnologia foi a grande responsável pelo alto índice de desempregados no mundo, transformando a vida das pessoas, que vivem ameaçadas, com medo, inseguras e lutam por um trabalho e para nele se manter.

O terceiro é a globalização, que quebrou barreiras, dizimou a identidades dos estados, promoveu uma homogeneização da cultura, que hoje, destrói com as raízes locais e cria novos padrões. Esta crise social de identidade de novas relações, ainda não compreendida, conduz a intensos conflitos de intolerância, que aliados às desigualdades, desemprego, insegurança, falta de credibilidade no futuro, pobreza, favorecem, como diz Fante (2011) a um ambiente de agressividade, delinquência e atitudes antissociais.

### **2.3 - Mídias (televisão, internet, revistas, rádio etc.)**

Os veículos de comunicação interferem na conflitualidade social ao usar de suas pedagogias ou psicologias para induzir uma determinada postura social vinculada às necessidades do mercado.

A mídia sobrevive do investimento das grandes empresas, que se unem a ela para vender mais. Sua função é induzir ao consumo. Estes veículos expõem modelos e padrões de comportamento a serem seguidos, bem como apresentam imagens que representam o que é valorizado/desvalorizado e tido como bom/ruim, seduzindo e induzindo o consumo como forma de prazer e felicidade, um jogo comercial que vende uma imagem social deturpada pela ganância de ter e obter aquilo que é visto nas propagandas.

Os meios de comunicação conseguem ser formadores de opinião e fomentadores de ideologias. Os jovens são fortemente influenciados pela mídia, que transmite valores como o culto ao corpo, à beleza, a banalização do sexo, adoração às marcas, aos artistas, vistos como falsos heróis.

Tudo isso fomenta nos jovens um ideal a ser perseguido. Aquele que não possui um tênis de “marca”, que não tem um corpo perfeito, que não tem o brinquedinho do momento, se sente desprezado, inferiorizado e até mesmo excluído, o que pode, em alguns casos, desencadear atitudes hostis de sentimentos negativos, por reforçar as desigualdades entre os indivíduos, que tendem a revidar com atitudes agressivas. “O virtual torna-se cada vez mais real, não somente no mundo interno, mas no mundo imaginário.” Fante (2011, p.170)

A sociedade em geral é bombardeada com imagens de comportamentos agressivos, que são apresentados nos desenhos infantis, nos jogos eletrônicos (videogame), filmes, novelas, que, na sua maioria, apresentam intensas brigas, discussões, ameaças, agressão física etc. Nesta perspectiva Fante (2011) aponta que a violência é vivenciada de maneira corriqueira, como se fosse um comportamento normal frente às adversidades, como sendo a única forma de resolver os problemas, instigando um mau exemplo de reação das pessoas frente aos conflitos, ignorando completamente o diálogo.

## 2.4 - Instituição escolar

Órgão responsável pela formação do indivíduo fomenta uma das piores formas de violência, a simbólica, que, por ser oculta, acaba despercebida e não remediada.

O poder simbólico é um poder de construção da realidade, é todo o poder que consegue criar significações e impô-las como legítimas. Os símbolos (mito, linguagem, arte, ciência) são instrumentos de coesão social que tendem a estabelecer um consenso sobre o sentido do universo social (ABRAMOVAY; CUNHA; CALAF, 2009, p. 24).

A violência simbólica e psicológica que envolve o bullying também pode ser reportada a outras situações de opressão permissível e oculta promovida pela instituição escolar. Nos atos de bullying, o indivíduo reprime o outro numa situação de poder. Suas vítimas geralmente são escolhidas por alguma “diferença”, seja econômica, física, social ou cultural.

Nesse sentido, a escola, segundo Bourdieu (apud NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002), perdeu o papel que lhe fora atribuído de instância transformadora e democratizadora das sociedades, e passa a ser vista como uma das principais instituições pelas quais se mantêm e se legitimam os privilégios sociais.

Uma das teses de Bourdieu (apud NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 18) é de que:

Os alunos não são indivíduos abstratos que competem em condições relativamente igualitárias na escola, mas atores socialmente constituídos que trazem, em larga medida incorporada, uma bagagem social e cultural diferenciada e mais ou menos rentável no mercado escolar. O grau variado de sucesso alcançado pelos alunos ao longo de seus percursos escolares não poderia ser explicado por seus dons pessoais – relacionados à sua constituição biológica ou psicológica particular –, mas por sua origem social, que os colocaria em condições mais ou menos favoráveis diante das exigências escolares.

O autor questiona a neutralidade da escola e do conhecimento escolar, chamando a atenção para legitimação das relações de poder dentro da escola, a partir de uma perspectiva discriminatória, quando ela ensina e cobra dos alunos os gostos, as crenças, as posturas e os valores dos grupos dominantes, apresentados como cultura universal.

Nessa relação desigual de poder imposto aos alunos que não tem acesso ao capital cultural está posta a discriminação, pois os alunos não competem de forma igualitária. Aqueles que não possuem uma estrutura familiar e econômica estável não possuem as mesmas condições de aprendizado que os demais, porém a escola não leva isto em consideração, cobrando de forma homogênea os conceitos. Assim, ela também reprime as diversidades e expõe uma situação de poder, ditando as regras e aqueles que se apresentam diferentes são excluídos.

A escola, portanto,

[...] teria, assim, um papel ativo – ao definir seu currículo, seus métodos de ensino e suas formas de avaliação – no processo social de reprodução das desigualdades sociais. Mais do que isso, ela cumpriria o papel fundamental de legitimação dessas desigualdades, ao dissimular as bases sociais destas, convertendo-as em diferenças acadêmicas e cognitivas, relacionadas aos méritos e dons individuais. (BOURDIEU apud NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 19).

Diante disso, constatam-se que as condutas violentas por parte dos indivíduos são orientadas pelas experiências vivenciadas, as acepções de mundo, os valores adquiridos, a partir do contexto em que ele está incluído.

Portanto, ao questionar o termo violência, é preciso levar em consideração às relações sociais e familiares, a estrutura social, as questões econômicas, que fomentam padrões de conduta sociais. Não se pode tratá-la como um desvio de conduta individual, mas sim como produto decorrente da vida em sociedade.

A violência que ocorre nas instituições escolares é desencadeada por diversos fatores: sociais, familiares e educacionais, e projetada de fora da escola para dentro dela, ou algumas vezes produzida por ela. Apresenta-se de forma implícita ou explícita, abarcando todo tipo de situações conflituosas, seja ela física ou psicológica, afetando direta e indiretamente o relacionamento e a convivência entre alunos, educadores, pais e comunidade escolar, conforme será visto no capítulo 3.

### 3 - BULLYNG NAS ESCOLAS

A violência escolar, ou os comportamentos agressivos por parte dos indivíduos que a compõe, não é um evento atual, mas se tornou, assim como o próprio *bullying*, um problema repetitivo de âmbito mundial. Frente a todos os acontecimentos, pode-se dizer que a violência virou rotina nas escolas, e se apresenta de forma velada ou explícita.

Nesse contexto, Boneti (2011) chama a atenção para o simbolismo que permeia a violência escola. Segundo ele, ao definir o *bullying* como um ato de violência física e/ou psicológica, cometida por indivíduos ou grupos contra outra pessoa indefesa, o que chama a atenção é a necessidade de se impor uma relação social na imagem do fraco e do forte, do superior e o inferior, demonstrando que certas construções sociais, históricas, permanecem vivas nos traços culturais da sociedade, e revelam-se no espaço escolar.

Conforme Abramovay (2012),

As situações de violência comprometem o que deveria ser a identidade da escola – lugar de sociabilidade positiva, de aprendizagem de valores éticos e de formação de espíritos críticos, pautados no diálogo, no reconhecimento da diversidade e na herança civilizatória do conhecimento acumulado.

A escola, portanto, é lugar de convívio social, onde as crianças fazem amigos, brincam, jogam, conversam e trocam experiências. Porém, segundo Boneti (2011), a complexidade do mundo contemporâneo, envolto em significados e mudanças, criando conflitos com o antigo modelo familiar, educacional e cultural, promove profundas mudanças nos espaços escolares. A alarmante incidência do *bullying* nas escolas não deixa de ser um reflexo desse novo acultramento social, das novas identidades e das novas ações sociais. Para o autor,

Os processos sociais podem se constituir em processos educativos, à medida que provocam novas aprendizagens [...] os aprendizados que conduzem a tomadas de iniciativas que promovem as mudanças e os fortalecimentos das relações sociais e de grupos com base no desenvolvimento do conhecimento, habilidades, valores, princípios, hábitos e atitudes. (BONETI, 2011, p. 19).

A instituição escolar é local de abrigo de todos os indivíduos, cada aluno possui sua história de vida, e trás consigo, problemas sociais diversos, socialização diferenciada, dentro da concepção de cada família, com extensa

diversidade cultural. Este contexto já é suficiente para tornar a instituição escolar um local propício a vivenciar conflitos. Mas, para agravar a situação, ainda tem a ausência dos pais, o descaso do estado e a pressão da sociedade, que exige que seus “filhos” sejam altamente preparados para enfrentar a competitividade do mundo atual.

A função socializadora da escola, em transformar os indivíduos, tanto na área do conhecimento como na formação humana, sempre foi debatida por vários teóricos. Entre eles, destaca-se Paulo Freire, o grande defensor da escola como uma possibilidade de formação humana e social. Para o educador,

Escola é [...] o lugar onde se faz amigos [...] não se trata só de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos [...]. Escola é, sobretudo, gente, gente que trabalha que estuda que se alegra se conhece se estima. O diretor é gente, o coordenador é gente, o professor é gente, o aluno é gente, cada funcionário é gente. E a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão. Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”. Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir que não tem amizade a ninguém nada de ser como o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só. Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se “amarrar nela”! Ora, é lógico [...] numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz (FREIRE, 2012, p. 1).

Escola, portanto, não significa apenas a estrutura física, mas os significados que ali se constroem o conhecimento que se elabora, as amizades e os laços que se estabelecem. Um lugar que se torna cada vez melhor se cada um agir como colega, criando um ambiente agradável de convivência. Nesse lugar, segundo as concepções de Freire (2012), não há lugar para o *bullying*, pois esse comportamento é adverso à sua teoria e a seus preceitos.

O bullying não é algo produzido pela escola. A grande maioria dos casos são influenciados pelo descaso dos pais e por seu afastamento na educação dos filhos. Muitos transferem à escola a responsabilidade que é deles próprios, qual seja a educação dos filhos. Nesse sentido, segundo Ens e Ribeiro (2011, p. 70),

[...] para os pais, a escola parece ser a única responsável pela educação de seus filhos e aos professores reserva-se a árdua tarefa de formar seus alunos enquanto cidadãos conscientes de direitos e

deveres, críticos e reflexivos para atender a sociedade do conhecimento.

A escola tem seu papel na formação social/científica dos indivíduos, no entanto, a escola, sozinha, não consegue educar indivíduos que já vem com uma série de problemas familiares, dos quais eles adotam certas atitudes e agressividades, que, muitas vezes, a seus olhos parecem ser normais.

O exemplo é um fator marcante na constituição dos princípios das crianças, dos valores e da conduta. Se a criança convive num ambiente hostil, onde o pai usa sua autoridade simbólica e machista para manter a mulher submissa, ou é agressivo com a mãe ou com os filhos, ou, ainda, expressa uma linguagem agressiva, como: “Eu queria matar o meu chefe”, ela vai assimilando esses comportamentos. É necessário que haja uma ação quase que sobrenatural da escola em promover a esta criança uma educação de não violência, visto que ela vive num ambiente de violência.

A escola, hoje, está abarrotada de tarefas. Cabe a ela a educação científica, religiosa, educação para o trânsito, educação sexual, educação física, ou seja, se não houver uma participação da sociedade, dos pais e políticas públicas que busquem, através do debate e ação, a solução dos problemas, é quase impossível educar os jovens com uma perspectiva de futuro para o mercado de trabalho e também de comportamento adequado de convivência com os indivíduos.

Nos últimos anos, com o avanço da ciência, dos aparatos tecnológicos, que tornou a vida social dependente, tornou-se uma necessidade das escolas darem ênfase às ciências exatas, deixando em segundo plano as ciências sociais, como se a tecnologia, por si só, organizasse a sociedade, seus padrões, as relações. Esqueceu-se que a vida perpassa, primeiramente, pelo vínculo social e pela interação entre as pessoas. A rivalidade, a individualidade e a concorrência transformam os indivíduos em máquinas programadas para vencer, e a escola corrobora com esta tendência, ao construir um currículo pedagógico onde as ciências exatas predominam, deixando de lado as ciências sociais. Claro que isto é uma exigência dos pais que desejam que seus filhos estejam cientificamente preparados para o mundo moderno. Mas, a instituição

escolar não pode ser conivente, e sim precursora de uma nova identidade social ao transformar os alunos em cidadãos conscientes para a vida social e não somente científica.

A atual sociedade procura negar a necessidade do elo social envolto pela solidariedade, cooperativismo, pelo afeto entre as pessoas, em querer compartilhar a vida. São estes os traços fundamentais que deviam formar o educando como cidadão, no entanto, está se formando cidadãos para um mundo individualista, com comportamentos bem adversos do que as ciências sociais objetivam.

### **3.1 - Programas de prevenção e intervenção no contexto escolar no combate ao bullying**

Estudos já realizados demonstraram que a prática do *bullying* afeta não somente os sujeitos envolvidos, mas, pode ter consequências negativas nas crianças e adolescentes envolvidos, ampliando-se para o círculo social, produzindo atos para a vida adulta.

Considerando que esta prática interfere na formação de crianças e adolescentes, no convívio familiar, nas relações futuras, no trabalho e nos elos sociais, emerge a necessidade de intervenção de medidas educativas e até mesmo políticas públicas de prevenção e educação na perspectiva de se produzir uma conduta de não violência. Não se pode permitir que o núcleo escolar, órgão incumbido de zelar pela educação dos indivíduos para a sociedade, permita a proliferação da violência entre os educandos.

É necessário constituir artifícios, capazes de possibilitar o pleno desenvolvimento das crianças, habilitando-os para uma convivência social sadia e segura. A adoção de programas preventivos e continuados nas escolas é uma alternativa na prevenção desta prática, contribuindo também para o amadurecimento dos jovens para a vida em sociedade.

Para Pereira et al (2011, p. 136), o grande desafio da investigação na área é

[...] definir e implementar alternativas de intervenção que se legitimem pela qualidade do processo, abrangência de atores sociais e se traduzam em resultados de minimização do *bullying*, com repercussão direta na dinâmica de convívio entre pares.

No entanto, segundo Pereira (2008 apud PEREIRA et al, 2011, p. 137), é preciso “avançar para a intervenção como forma de prevenção e redução das práticas agressivas na escola”.

Os programas de intervenção têm como objetivo prevenir e reduzir o comportamento do *bullying*. Significa reconhecer as situações, avaliá-las e dar respostas com soluções pertinentes. A prevenção procura impedir a manifestação de um tipo de comportamento antissocial, conforme salienta Pereira et al (2011).

Entre as diversas medidas preventivas apontadas pelos autores, considera-se o trabalho de Olweus, realizado em escolas da Noruega, significativo, tendo em vista que foi considerado um marco histórico de intimidação (*bullying*) de prática agressivas e que alguns programas vão de encontro à proposta inicial desse pesquisador, que envolveu toda a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, pais e demais integrantes da sociedade) de 43 escolas no combate ao *bullying* (PEREIRA et al, 2011).

No Brasil, pesquisas e trabalho nas escolas são ainda muito incipientes. Parece não haver ainda a conscientização desse grave problema existente nas escolas e da necessidade urgente de medidas para diminuir esses comportamentos agressivos. Nesse sentido, importante destacar que qualquer programa que se faça para atacar o problema, tem sempre que levar em consideração a realidade da escola.

Pereira et al (2011, p. 139) citam alguns critérios que devem ser considerados para o desenvolvimento de programas de intervenção que permitem prevenir e reduzir o problema:

[...] Levantamentos e estudos diagnósticos a partir das próprias crianças e jovens, das representações dos professores; do monitoramento dos recreios – nos quais são frequentes as situações de *bullying*; das diferenças nas manifestações de comportamentos invasivos determinadas por questões de gênero, idade, condições social e educacional entre outros.

Iniciativas como em Portugal ou na Noruega tiveram sucesso por ter também o comprometimento da comunidade escolar, o que é, portanto, fundamental, pois todos precisam se comprometer nesse processo. O primeiro

passo é, segundo Vettenburg (2000 apud PEREIRA et al, 2011), identificar o momento que surge o problema; após, o grupo para o qual se dirige a ação e, por fim, a ênfase ou o conteúdo da ação. A escola deverá implementar programas de prevenção de comportamentos violentos a partir da origem do problema.

A aplicação de modelos de prevenção e intervenção pauta-se por algumas ações, como:

- a) tomada de consciência, que se cria a partir de um incidente escolar que causa alarme social [...]; b) desenvolvimentos normativos, que contemplem a criação e a aplicação de códigos de conduta adequados nas escolas; c) intervenções curriculares [...]; d) formação de professores; e) prevenção e tratamento dirigido aos alunos, com diferentes “sistemas de mediação”; f) organização da escola: melhoramento da sua estrutura física, supervisão por alunos; g) ações comunitárias [...]. (SERRATE, 2009 apud PEREIRA et al, 2011, p. 140-141).

Propostas há, porém não existe um modelo a ser aplicado, pois cada escola tem uma realidade, um público. O que existe são realidades que têm que ser trabalhadas de acordo com os fatos que se apresentam. Esse é o pensamento de Pereira et al (2011, p. 145), quando diz que:

Sem que haja profunda consideração à realidade concreta da escola – campo de intervenção -, não faz sentido delinear-se objetivos, planejarem-se estratégias ou acordarem-se as técnicas e recursos a utilizar. O fenômeno *bullying* é contextual e suas manifestações estão vinculadas à especificidade de cada instituição. Portanto, uma abordagem que o dissocie dessas condições está previamente fadada ao insucesso.

Portanto, conforme Pereira et al (2011, p. 145), é preciso considerar,

[...] as peculiaridades de cada escola, a comunidade de inserção; a imagem institucional perante os diversos segmentos; as expectativas dos vários protagonistas sociais; os valores disseminados nos processos de ensino e de aprendizagem e nas interações no espaço escolar [...]; o entendimento, o caráter e a incidência do que se compreende por conflito.

A própria escola, segundo os autores, pode ser facilitadora das condições de prevenção ou, por outro lado, provocar no aluno essas atitudes. Por isso, o trabalho da escola deve ser um trabalho conjunto, propiciando o diálogo, o direito à voz aos diferentes e a entendimentos entre os membros da escola. O diálogo talvez seja o melhor recurso para o sucesso de qualquer

proposta que a escola vir a adotar, pois a escola, como salienta Pereira et al (2011), não é uma ilha, ou seja, um trabalho multidisciplinar ou Inter setorial, realizado continuamente, pode ser uma forma de prevenção ao *bullying*.

Apesar do poder sociabilizador e formativo da escola, ela não pode assumir sozinha a responsabilidade de muitos problemas graves que acontecem. Por isso, a necessidade de se articular com outras redes sociais básicas, como áreas da educação, saúde, assistência social e órgãos responsáveis por políticas públicas educacionais e de segurança, visando à prevenção e redução de atitudes agressivas, como o caso do *bullying*.

Errônea é a ideia que se tem de que os mecanismos policiais e judiciais são suficientes para alterar as práticas sociais e reduzir as condutas agressivas. Para Pereira et al (2011), um trabalho em conjunto e cooperativo entre educador, escola e família, em interlocução com as áreas citadas, pode sustentar um modelo de intervenção intersetorias que responda de forma eficaz às necessidades e demandas da população escolar. No caso concreto, desenvolvendo um trabalho efetivo que possa diminuir as consequências e os fatores associados à existência do *bullying*.

Algumas técnicas também podem ser utilizadas na escola, como jogos, teatro, envolver as crianças em projetos sociais, melhorar o recreio com jogos, atividades diversas, trabalhar o emocional das crianças. São recursos que ajudam a prevenir e reduzir comportamentos agressivos, mas é importante adotar um programa escolar que se trabalhe cotidianamente nessa perspectiva e que provoque ações no aluno para que, não só na escola, mas na sua vida, presente e futura, não tenha esse tipo de comportamento.

Por fim, é de fundamental importância dizer que a escola não pode tolerar o *bullying* e nem silenciar sobre esses comportamentos, pois estarão contribuindo para que casos se perpetuem, e/ou declinem para situações de extrema violência e brutalidade que vem ocorrendo com frequência e somente torna-se visíveis quando a mídia sensacionalista noticia os acontecimentos.

## CONCLUSÃO

A temática sobre o *bullying* é de uma enorme complexidade, por estar relacionado às múltiplas causas, originário das relações familiares, sociais, escolares, ligadas aos novos padrões que a cultura globalizada do mundo capitalista promoveu.

Conforme visto, o *bullying* é uma forma de violência física ou psicológica, onde o “valentão” ou “fortão” usa de intimidação, prepotência e abuso de poder para agredir, intimidar e amedrontar um vitima escolhida sem motivos definidos, geralmente frágeis, que impossibilitada de se defender, e intimidada pelas agressões, acaba se isolando ou sendo excluída das relações com os demais colegas. O que afeta as atividades cotidianas, tornando a vida mais difícil e menos prazerosa.

Para entender a grande incidência de *bullying*, ou seja, de comportamentos agressivos entre estudantes, é preciso compreender a realidade social. Hoje, convive-se com uma sociedade cada vez mais hostil e conflituosa. Os novos valores produzidos pelo mundo capitalista concorrencial, a individualidade, o interesse pessoal, o consumismo como satisfação dos prazeres ou fonte de felicidade desencadeia uma disputa de poder e conduz a uma situação em que as pessoas convivem como adversários cada qual querendo “ser mais” e “ter mais” que o outro.

Uma sociedade que não possibilita a todos os cidadãos os meios de prover a sustentabilidade da família, sendo permissível com as desigualdades, pobreza, desemprego, conseqüentemente está promovendo conflito e violência. O medo de perder o emprego e de não conseguir se manter economicamente torna a vida extremamente tensa. É uma competitividade em todos os setores sociais, que mantém as pessoas em luta constante pela sobrevivência ou por uma vida mais digna.

Diante das pesquisas realizadas, pode-se concluir que o *bullying* é um problema social agravado pelo declínio dos valores, como amizade, companheirismo, coleguismo, cooperativismo, solidariedade, que a sociedade capitalista promoveu, ao alimentar uma situação conflituosa de disputa de poder. O Bullying é fruto da intolerância, do preconceito e discriminação

existente entre as relações sociais. Sua prática afeta todos os sujeitos envolvidos, e pode prejudicar o desenvolvimento das crianças e jovens, na construção do indivíduo enquanto ser social.

Muitos são os desencadeadores do *bullying*. A desestruturação familiar, e a forte jornada de trabalho, afastaram os pais do convívio com as crianças. Hoje, os pais vivem atribulados no trabalho, ausentes na criação dos filhos, delegando essa função à instituição escolar, cobrando dela que preparem seus filhos cientificamente para esse mundo competitivo. A sociedade que motiva a uma disputa de poder e alimenta a individualidade. A escola segregada ao abandono, a falta de investimentos, reproduzindo socialmente a discriminação social. A mídia que apresenta a violência como forma de resolução dos problemas, ignorando completamente o diálogo.

Imersos a este contexto as crianças, jovens e adolescentes se inserem nesta situação desencadeando comportamento, agressivos, cruéis, transmitindo a mesma situação hostil a que são expostas. Pois é a partir das relações sociais que as crianças adquirem seus valores, senso ético, crenças, cultura, etc. Este ambiente social está propiciando uma forte crise psicológica entre os jovens, incrédulos com a vida, sem perspectivas de futuro, tornando-se indivíduos frustrados, depressivos, agressivos e intolerantes.

A crueldade que os alunos usam para “zoar” com a turma, o uso de termos cada vez mais pejorativos, a utilização dos meios de comunicação para denegrir a imagem das pessoas, a falta de respeito com os professores e colegas, são atitudes vivenciadas diariamente nas escolas e que devem ser combatidas.

A sociedade não pode permitir ou ocultar a propagação deste tipo de comportamento hostil. Principalmente dentro da instituição escolar que deve ser local de formação social. A escola é lugar de convívio, onde as crianças fazem amigos, brincam, jogam, conversam e trocam experiências. Não agir contra o fenômeno *bullying* é ser conivente com uma situação que desencadeia mais violência e compromete a função da escola.

O indivíduo como ser social necessita da relação de convivência com o outro. De construir laços de amizade, são estas interações que tornam a vida mais agradável, alegre e feliz. Diante da atual situação que a sociedade se

apresenta é um grande desafio produzir uma nova conduta social, onde as pessoas possam viver de forma mais solidária, cooperando uns com os outros e não disputando seu lugar no mundo, pois há espaço para todos. Basta ser solidário e compartilhar.

Não há um antídoto como resposta para enfrentar esta problemática e anular esse comportamento agressivo. Porém, se faz necessária uma ação coletiva entre sociedade, família e escola, em promover um novo acultramento de paz, a partir de um projeto socioeducativo, que desenvolva nos jovens atitudes cooperativas, solidárias, princípios éticos como respeito e amizade, instigando-os a ajudar os que se apresentam diferentes, que possuem problemas familiares, que necessitam de ajuda, de apoio frente as adversidade, buscando promover uma relação de convivência cooperativa entre os sujeitos de forma saudável, pacífica, e segura. O caminho para isto é claro, perpassa fundamentalmente pela educação.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; WERTHEIN, Jorge. **Violência nas escolas**. Disponível em: <<http://www.miriamabramovay.com>>. Acesso em: 06 jun. 2013.

\_\_\_\_\_. **Juventude educação e violência**. Disponível em: <[www.miriamabramovay.com](http://www.miriamabramovay.com)>. Acesso em: 06 jun. 2013.

\_\_\_\_\_; CUNHA, Ana Lúcia; CALAF, Priscila Pinto. **Revelando traumas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana - RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF, 2009. Disponível em: <[http://www.abglt.org.br/docs/Revelando\\_Tramas.pdf](http://www.abglt.org.br/docs/Revelando_Tramas.pdf)>. Acesso em: 13 jun. 2013.

BONETTI, Lindomar Wessler. As políticas públicas educacionais frente ao bullying na escola. In: GISI, Maria Lourdes; ENS Romilda Teodora (Orgs.). **Bullying nas escolas: estratégias de intervenção e formação de professores**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

CAVALCANTE, Meire. **Bullying: Como acabar com brincadeiras que machucam a alma**. Revista Escola. Brasília, v. 19, n. 178, p. 58-61, dez. 2004.

ENS, Romilda Teodora; RIBEIRO, Rudinei. Bullying “na” e “da” escola: desafio para políticas de formação de professores. In: GISI, Maria Lourdes; ENS Romilda Teodora (Orgs.). **Bullying nas escolas: estratégias de intervenção e formação de professores**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. São Paulo: Versus, 2011. 224p.  
Disponível em: <[http://www.bullying.pro.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=199](http://www.bullying.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=199)>. Acesso em: 28 jun. 2013.

FREIRE, Paulo. **Escola é lugar de gente cercados de pessoas por todos os lados e sozinhos...** Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=1600>>. Acesso em: 05 jul. 2013.

LOPES NETO, Aramis Antonio; MONTEIRO FILHO, Lauro; SAAVEDRA, Lucia Helena. **Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. Disponível em: <<http://www.observatoriodainfancia.com.br/IMG/pdf/doc-154.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2013.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu; limites e contribuições. In: **Revista Educação e Sociologia**, Campinas, v. 23, n. 78, abr. 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-733020020002000003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-733020020002000003&script=sci_arttext)>. Acesso em: 16 jul. 2013.

PEDRA, José Augusto. **Combate ao bullying ganha força no senado**. Disponível em: <<http://www.augustopedra.com.br/artigos/combate-ao-bullying-ganha-forca-no-senado/#more-951>>. Acesso em: 18 jul. 2013,

PEREIRA, Beatriz Oliveira et al. Bullying escolar: programas de prevenção preventiva. In: GISI, Maria Lourdes; ENS Romilda Teodora (Orgs.). **Bullying nas escolas: estratégias de intervenção e formação de professores**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

SILVA, Beatriz Barboza e. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro, 2010. 188p.